

Elisabete Jacinto: uma professora 'todo-terreno'

Laura Soares
lauras@letras.up.pt
Elsa Pacheco
elsap@letras.up.pt

Departamento de Geografia – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Como citar este artigo:

Soares, L.; Pacheco, E. (2018). Elisabete Jacinto: uma professora 'todo-terreno'. *Revista de Educação Geográfica |UP*, nº.3, p.63-75 . Universidade do Porto

ISSN:

2184-0091

DOI

<https://doi.org/10.21747/21840091/3a4>

Secção: Perspetivar

Nota Biográfica:

Geógrafa (licenciada pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1987), pós-graduada em Geografia Via Ensino, professora (até ao ano letivo 2002-2003), co-autora de manuais escolares (1995-1998) e de dois álbuns de Banda Desenhada (2003, 2007), assim como de um livro infanto-juvenil (2010) e um de fotografias legendadas em português e inglês onde a imagem nos revela 10 anos de vivências profissionais (2012), Elisabete Jacinto (Montijo, 8 de junho de 1964) é sobretudo conhecida pela sua atividade de piloto de todo-terreno (fig.1), tendo realizado diversas provas nacionais e internacionais (desde 1993), designadamente o famoso Rali Paris-Dakar, onde participou pela primeira vez em 1998.

A sua personalidade, assente, na vontade de “perceber que podemos ir até onde queremos, que o limite está em nós”, faz com que, mesmo os seus passatempos e experiências traduzam o seu espírito de aventura, conduzindo-a a percursos submarinos (através do mergulho recreativo), a desafios aéreos (o pára-quedismo) ou a escaladas (Monte Branco, 2008), como que respondendo à necessidade de interiorizar as várias 'geografias' que nos



Figura 1 – Elisabete Jacinto, 2018.

rodeiam, na procura de “uma visão mais correcta do mundo”. Porque, como se pode ler na entrevista que apresenta no seu *website*, “Afinal de contas sou professora de Geografia”¹. Respondendo à curiosidade em perceber o que faz uma professora em provas onde domina o género masculino – Elisabete Jacinto foi a primeira portuguesa a participar no Paris-Dakar em moto e uma das primeiras mulheres a terminar a mesma prova, em 2004, conduzindo um camião - e para que serve a Geografia (neste caso não para fazer a guerra) nestas provas, é presença assídua em escolas do ensino básico, secundário e superior, acedendo a convites para palestras onde transmite, para além da sua experiência ‘todo-terreno’, uma mensagem que sempre a acompanha: “o maior desafio foi sempre consigo própria, acreditando que a vontade e tenacidade superam todas as barreiras” e que “a chave do sucesso resume-se na palavra querer!”².

A GETUP foi ao encontro de Elisabete Jacinto num período de grande *stress*: a preparação para a décima edição do África Eco Race 2018, que teve lugar entre 2 e 4 de janeiro (fig.2). Sendo difícil conciliar disponibilidades de agenda, acedeu responder às nossas questões por correio eletrónico. Com entusiasmo, simpatia e profissionalismo...como em tudo o que faz na vida.

GETUP (GT): A Elisabete concluiu a sua licenciatura em Geografia na Faculdade de Letras da Universidade Lisboa em 1987. O que a motivou a escolher Geografia?

Elisabete Jacinto (EJ): O que me incentivou a estudar, enquanto adolescente, foi o gosto pela Psicologia. Queria ser psicóloga e especializar-me em psicologia infantil. Era algo que eu achava que iria fazer com muita facilidade e que me daria muito gozo. Contudo, ao longo do ensino secundário, face à grande falta de professores de Geografia, acabei por ter poucas aulas desta disciplina. Apesar de tudo, quando cheguei ao décimo segundo ano, esta foi uma

das disciplinas de que gostei imenso. Fi-la com muita facilidade e tive uma boa nota. Por essa razão, ponderei a possibilidade de tirar o curso de Geografia. Na altura havia uma grande falta de professores desta área e sabia que arranjaría emprego com muita facilidade, o que me interessava bastante. Nesse caso não dedicaria a minha vida à infância mas à adolescência...mas continuaria na linha da educação, o que me agradava. Na hora de concorrer para a faculdade, uma vez que o fiz só para Lisboa, optei por colocar Geografia como segunda opção e foi assim que acabei por me licenciar nesta área.



Figura 2 – Percurso do África Eco Race 2018.

GT: Então a sua primeira opção foi Psicologia. Não ponderou mudar de curso? Que razões a mantiveram em Geografia?

EJ: Gostei do curso e, acima de tudo, gostei da profissão que iria exercer com ele. A ideia de ser professora agradava-me sobremaneira e a possibilidade de ter emprego mal terminasse o curso também. Aliás, comecei a leccionar mal

¹.Disponível em <https://elisabetejacinto.com/>. Acesso 08-02-2018.

². Idem.

completei as oito cadeiras que eram obrigatórias para o fazer.

GT: Como era estudar Geografia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa nessa altura? Que memórias guarda da sua vida académica? Recordas em especial algum professor/disciplina?

EJ: Comecei a trabalhar muito cedo e fiz o curso todo a trabalhar. Aprendi a rentabilizar o tempo e, como sou uma pessoa cheia de energia, conseguia estudar, dar aulas e gastar quatro horas por dia em transportes públicos uma vez que vivia no Montijo e estudava em Lisboa (fig.3). Por essa razão, chegava à faculdade a correr e, mal acabavam as aulas, lá ia a correr para o Terreiro do Paço para apanhar o barco. Tentava rentabilizar ao máximo a minha presença nas aulas e ia estudando nos autocarros, nas paragens, no barco... Guardo boa memória desses anos que modificaram a minha vida pois foi lá, durante o terceiro ano do curso, que me apaixonei por um outro estudante de Geografia com o qual vivo até hoje, o Jorge³. Tem sido o meu parceiro de aventuras durante todo este tempo. Neste sentido a Professora Carminda Cavaco⁴ é uma das que guardo na minha memória com algum carinho, pois foi na aula dela, Geografia Rural, que se deu todo o processo de conquista! Mas lembro-me bem de praticamente todos os professores que tive nesses quatro anos de curso e cada um deles deixou a sua marca.

Gostei de ter feito o curso e de toda a aprendizagem que me possibilitou, assim como a visão que me deu do mundo. Penso que é uma disciplina importante para a formação dos jovens e que lhes dá uma base importante qualquer que seja o rumo que decidam seguir.



Figura 3 – Parque Eduardo VII, Lisboa, 1985. Foto tirada e revelada pelo Jorge no início do nosso namoro. “Ele achava graça que eu andasse de mota e eu pensava que essa era uma forma de o conquistar”⁵.

GT: Na entrevista à Professora Suzanne Daveau, publicada no primeiro número da nossa revista⁶, a certa altura a professora salienta que teve sempre “(...) uma visão integradora da Geografia, mas (...) era muito claro, em Paris, que a Geografia física começava a separar-se da Geografia humana” (p.108). Concorda com esta perspetiva integrada da Geografia? Que cadeiras opcionais fez na sua licenciatura?

EJ: Atualmente, atendendo ao impacto que o homem tem sobre natureza, faz todo o sentido

³. Jorge Gil é marido e director da equipa de Elisabete Jacinto desde 1992. Embora tenha frequentado o curso de economia licenciou-se em Geografia, e apesar de ter participado igualmente em provas de competição, rapidamente assumiu que o *hobby* que partilhava com Elisabete só se transformaria numa atividade a tempo inteiro se fosse possível angariar os patrocínios necessários...para um deles. Em entrevista ao Correio da Manhã online (2003), Elisabete Jacinto refere: “Sem o meu marido, eu não fazia nada. É das poucas pessoas que não se chateia nada em fazer o trabalho ‘de sapa’ e entre muitas raparigas que participaram nas corridas e que saíram, eu digo sempre que uma das coisas que lhes faltou na vida foi ter um Jorge ao lado”.

⁴. Carminda Maria Mariano Cavaco (Boliquireme, 20-11-1938), é professora catedrática (aposentada) do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT) e investigadora do Centro de Estudos Geográficos. Licenciada em Ciências

Geográficas (1966) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, aí ingressa em 1969 como assistente, doutorando-se em Geografia Humana em 1976, com uma tese intitulada *O Algarve Oriental: as vilas, o campo e o mar*, incidindo a tese complementar sobre *A cooperação agrícola em Portugal: desenvolvimento e expressão geográfica*. Reconhecida pelo seu caráter eclético, característico dos geógrafos do ‘seu tempo’, dedicou-se especialmente à Geografia Rural, mas esteve na vanguarda dos estudos de Turismo em Geografia.

⁵. Extrato de entrevista ao Correio da Manhã online, em 2003. Disponível em <http://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/elisabete-jacinto-num-camiao-rumo-ao-deserto>. Acesso a 08-02-2018.

⁶. Costa, J. (2017). O ensino da Geografia em França nos meados do século XX. Testemunho da Professora Suzanne Daveau. *geTup, Revista de Educação Geográfica - UP*, nº.1, pp.105-112.

a existência de uma Geografia Humana que se dedica exclusivamente a este fenómeno. Naturalmente, a profundidade de conhecimento exige que existam, pelo menos, estes dois ramos...sendo que cada um deles já se vai subdividindo, o que é natural. Numa outra perspectiva podemos considerar a Geografia como uma disciplina integradora pois ela busca, num sem número de outras ciências, as bases em que se apoia. As minhas disciplinas de opção foram Geografia Rural, Urbana e Industrial, todas dentro da área da Geografia Humana.

GT: Quais eram os métodos de ensino? Era habitual fazerem visitas de estudo e trabalho de campo?

EJ: Na altura, a maior parte dos professores recorria ao clássico método expositivo, em que faziam os seus discursos nas aulas e eu tentava escrever tudo o que diziam. Nessa altura faziam-se também muitos trabalhos práticos em grupo, o que me levantava algumas dificuldades pois tinha pouca disponibilidade de tempo para reunir com os meus colegas. Por essa razão, havia também algumas aulas práticas orientadas pelos monitores. Fazíamos várias saídas de campo as quais, na maior das vezes, serviam de base aos trabalhos de grupo. Hoje, cada vez que passo na estrada do Montijo para Alcochete, recordo a Monografia Agrícola que fiz sobre a Quinta da Pacheca...e de andar a interrogar o proprietário, um velhote com uma barriga muito grande que respondia simpaticamente às minhas perguntas com uma expressão muito séria.

GT: Posteriormente fez uma pós-graduação em Geografia Via Ensino. Como estava estruturada essa pós-graduação?

EJ: No último ano da faculdade houve uma reestruturação do curso de Geografia e foi criada a via Ensino e a via de Planeamento. Por essa razão, foi dada oportunidade aos alunos que frequentaram o curso nos últimos quatro anos, de optarem por uma destas duas vias caso quisessem. Foi aí que decidi fazer mais dois anos de curso, frequentando todas as cadeiras de pedagogia e ficando assim definitivamente

preparada para leccionar... embora já o fizesse há alguns anos.

GT: Durante quantos anos foi professora e o que a atraía mais nas suas funções?

EJ: Leccionar era uma actividade que exercia com muito gosto e que me dava um prazer muito particular. Costumava dizer que havia dois momentos em que o tempo passava sem eu dar por ele: quando andava de moto e quando estava a dar aulas. Isto porque ainda consegui leccionar numa altura em que os alunos tinham gosto em aprender e isso é tudo o que um professor pode desejar. À medida que o tempo foi passando o gosto pela aprendizagem e a capacidade de concentração dos jovens foi diminuindo, o que tornou a actividade lectiva algo particularmente difícil. Gosto de ensinar. Ensinar é um exercício intelectual elaborado que inclui várias componentes. É um verdadeiro desafio. Trabalhei como professora até ao lectivo de 2002/2003 embora com duas licenças sem vencimento pelo meio para conseguir preparar-me para participar no Rali Dakar em moto. Em 2003 comecei a correr em camião, as responsabilidades nesta área aumentaram significativamente e optei por parar de leccionar pois a ambição (e exigência) nesta área desportiva era muito grande.

GT: Mas não deixa de ser curioso que no seu *curriculum* indique como profissão Professora de Geografia (embora não em exercício) e só depois Piloto de todo-o-terreno...

EJ: Eu sou professora de Geografia. Sinto-me como tal embora não esteja a exercer. Sempre encarei o desporto como algo temporário.

GT: Entre 1995 e 1998 publicou, em co-autoria, alguns manuais escolares, principalmente para o Ensino Básico Recorrente. Como surgiu este desafio e como foi a experiência?

EJ: O Ensino Recorrente foi, para mim, uma experiência fabulosa. Devo ter feito parte de um pequeno número de pessoas que considerou que este sistema de ensino fazia todo o sentido. Acima de tudo, tratava-se de um sistema que

permitia que os alunos, segundo as suas capacidades e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, pudessem progredir a um maior ou menor ritmo. Tal exigia que os professores sássem do formato clássico de aulas, com transmissão dos mesmos conhecimentos para todos e ao mesmo tempo... o que não é nada fácil. No meu caso, e porque a Geografia se presta um pouco a isso, optei por criar um sistema de ensino prático, através de um conjunto de fichas de trabalho que fui elaborando. Nestas, os conhecimentos que os alunos precisavam de adquirir estavam expostos sob a forma de textos, fotos, mapas, gráficos, esquemas. Um conjunto de perguntas que exigiam respostas escritas, orientavam a atenção e a capacidade de análise dos alunos sobre esses documentos levando-os a adquirir os vários conceitos. O meu trabalho em casa consistia em conceber e construir essas fichas de trabalho para todas as unidades. O trabalho era excessivo e, por isso, não era viável fazê-las sozinha. Por essa razão foram elaboradas em parceria com outra colega, a Eduarda Pina. Fomos aperfeiçoando essas fichas e daí resultaram os primeiros manuais escolares que fizemos.

Nas aulas ia circulando entre os alunos, ajudando cada um em particular e esclarecendo especificamente as suas dúvidas. Claro que isto permitiu que os alunos com um maior à-vontade intelectual avançassem mais rapidamente porque trabalhavam bastante em casa e que os outros, com mais dificuldades, fossem completando as Unidades Capitalizáveis mesmo que a um ritmo muito lento... mas progrediam sempre. Na minha perspectiva era exactamente assim que deveria ser visto o ensino dos adultos... mas o sistema não teve sucesso principalmente porque a sua implementação prática não era nada fácil. Mas foi uma experiência de que gostei muito.

Mais tarde, com a colaboração da Adelaide Ferreira, Margarida Sequeira e também da Eduarda Pina fizemos os Guias de Aprendizagem para Ciências Sociais, que incluía as disciplinas de História e Geografia.

GT: Que importância atribui aos manuais escolares e o que considera mais relevante na escolha de um manual escolar?

EJ: Considero o manual escolar a primeira e a mais eficaz ferramenta de trabalho do aluno. É ali que devem estar compilados e organizados, de uma forma clara e acessível, todos os conhecimentos que o aluno deve adquirir ao longo do ano lectivo. É um guia para o aluno! Ao fazer um manual colocamo-nos na perspectiva de quem aprende, temos de perceber como se aprende e o que é preciso para tal. Temos de disponibilizar os meios que mais facilitem essa aprendizagem. É fabuloso! Todos os outros instrumentos mais modernos devem vir depois. O rigor científico e a qualidade didáctica são os aspectos que mais valorizo num manual escolar. Na minha opinião deve incorporar um conjunto de documentos/informação com potencial para serem explorados com alguma criatividade pelo professor. Ou seja, a partir destes o professor deve criar actividades práticas para os alunos. A escolha de um manual escolar não é tarefa fácil e, para ser bem executada, a sua avaliação deve ser extremamente minuciosa e, conseqüentemente, morosa.

GT: A sua experiência como autora de manuais influenciou de alguma forma a publicação posterior dos livros de Banda Desenhada? Como lhe surgiu esta ideia?

EJ: Os livros de Banda Desenhada surgiram como uma necessidade de partilhar as minhas aventuras com os outros. Vivia a competição de uma forma muito intensa e ela preenchia completamente a minha vida. Contudo, todas as minhas aventuras e emoções apareciam resumidas numa última linha das reportagens sobre as provas em que participava...e limitavam-se a dizer: "Elisabete classificou-se no lugar tal..."o que era realmente muito pouco na minha perspectiva. Mas a ideia de contar as minhas histórias vivia na minha cabeça desde a primeira participação no rali Dakar, em 1998. A forma como as coisas se desenrolaram foi um pouco estranha e achei que um dia tinha que contar essas histórias. Contudo, a única forma possível de o fazer seria a Banda Desenha...

porque algumas delas já eram, por si só, uma verdadeira caricatura (fig.3).



Figura 4 – Apresentação do segundo volume do livro de banda desenhada, *Os Portugas no Dakar*, em 2007.

Os anos foram passando e, numa das últimas etapas do Dakar em 2001, decidi que estava na hora de levar o projeto por diante. Sabia que o queria fazer com o Luís Pinto Coelho⁷ e, não o conhecendo, contactei-o para tal. Quando comecei a trabalhar no assunto lembro-me de ter sentido pena em não incluir as histórias de todos os outros pilotos portugueses que participaram antes de mim... e que despertaram a vontade de lhes seguir as pisadas. Foi desta forma que nasceram os dois volumes de *Os Portugas no Dakar*.

⁷. Luís de Almeida e Vasconcellos Pinto Coelho (Lisboa, 1959), é autor da banda desenhada *As Odisseias de um Motard* (publicada de 1992 a 2017 na revista *Motociclismo*), onde retrata, através da personagem Tom Vitoín (cujo sobrenome é inspirado nos motores V2, ou V-twin), situações enfrentadas, no quotidiano,

GT: Quando e como surgiu o apelo pelas provas todo-o-terreno? Pode resumir em breves palavras o seu percurso?

EJ: Em poucas palavras não é possível...é que já lá vão muitos anos! Comecei por tirar a carta de moto e esta começou por ser apenas um meio de transporte urbano. Na altura não havia raparigas a conduzir moto, pelo que era uma raridade. As pessoas que paravam nos semáforos, curiosas, acabavam por 'meter conversa' comigo... era uma novidade! Por ter uma moto do tipo motocross decidimos (eu e o meu marido) inscrever-nos no Clube Todo-o-Terreno. Um dia resolvemos participar num desses passeios que vinham anunciados nos folhetos que recebíamos em casa (fig.5). O primeiro foi extremamente difícil porque não sabia andar na terra.

Caí várias vezes e o radiador da moto abriu. Tive de desistir passados oitenta quilómetros. O Jorge fez todo o passeio, mas como a moto dele era muito grande e pesada passou um mau bocado. Chegámos nesse dia à conclusão de que o todo-o-terreno era o *hobby* das nossas vidas... mas que as motos não prestavam. Decidimos que teríamos de juntar dinheiro para comprar motos adequadas, o que nos custou um ano inteiro de privações. Mas comprámos duas



motos de todo-terreno a sério.

Figura 5 – Um dos primeiros passeios de todo-o-terreno, talvez na Barragem de Santa Clara, em 1990.

pelos motociclistas portugueses. Convidado por Elisabete Jacinto para ilustrar *Os Portugas no Dakar*, viu o segundo volume ser distinguido, em 2008, com o prémio de Melhor Cartoon Nacional na sexta edição Troféus Central Comics, na Casa da Animação (Porto).

Passámos a ir para o campo passear com os amigos todos os fins-de-semana, até que um deles decidiu participar numa prova de competição e desafiou todos os outros a irem com ele. Naturalmente quis ficar fora do grupo, mas eles acharam que eu devia acompanhá-los. Pensei que não seria capaz mas a insistência dos meus amigos foi um grande voto de confiança. “Será que sou capaz?” Foi a questão que coloquei a mim própria. Desisti na primeira

prova, o Grândola 300, mas fiquei verdadeiramente apaixonada pelo todo-terreno e pela competição. A partir daí fiz todas as provas do Campeonato Nacional... e fui fazendo progressos. Um dia veio a ideia ‘louca’ de fazer o Dakar de moto (fig.6). Aí as coisas tomaram uma dimensão muito séria e foram quatro anos de trabalho muito intenso e com um empenho absoluto até atingir o meu objectivo.



Figura 6 – Elisabete Jacinto no Rali Paris-Dakar-Cairo, no ano 2000. “Quando temos sonhos, estes só se concretizam se lutarmos por eles”⁸.

Depois de o atingir percebi que nunca conseguiria ir tão longe quanto gostaria. Isso fez-me tomar a decisão de desistir da competição, coisa que, lá no fundo, não queria fazer. Foi por isso que surgiu a ideia de fazer os

ralis em camião (fig. 7, 8 e 9). Tem sido um projecto difícil mas, pouco a pouco, tenho vindo a atingir o meu objectivo: conseguir excelentes resultados desportivos.

⁸. Mensagem de Elisabete Jacinto em palestra na Escola Secundária Ibn Mucana, 2010. Disponível em http://lerv.ver.blogspot.pt/2010_11_14_archive.html?m=0. Acesso a 08-02-2018.



Figura 7 – No Rali Oilibya de Marrocos (entre Zagora e Agadir), em 2015.



Figura 8 – Rali África Eco Race, Mauritânia, 2015. “Este rali tem uma componente de aventura muito grande. Vamos percorrer cerca de seis mil quilómetros em 12 etapas e atravessar vários países culturalmente muito diferentes. Teremos pela nossa frente uma grande variedade climática, desde o muito frio e chuva na Europa, ao calor e secura no deserto. As paisagens são extremamente variadas e estamos sempre a ser confrontados com novas dificuldades (...) É um grande desafio... é muito mais do que uma simples corrida!”⁹

⁹. <https://elisabetejacinto.com/category/noticias/page/6/>. Acesso a 08-02-2018.

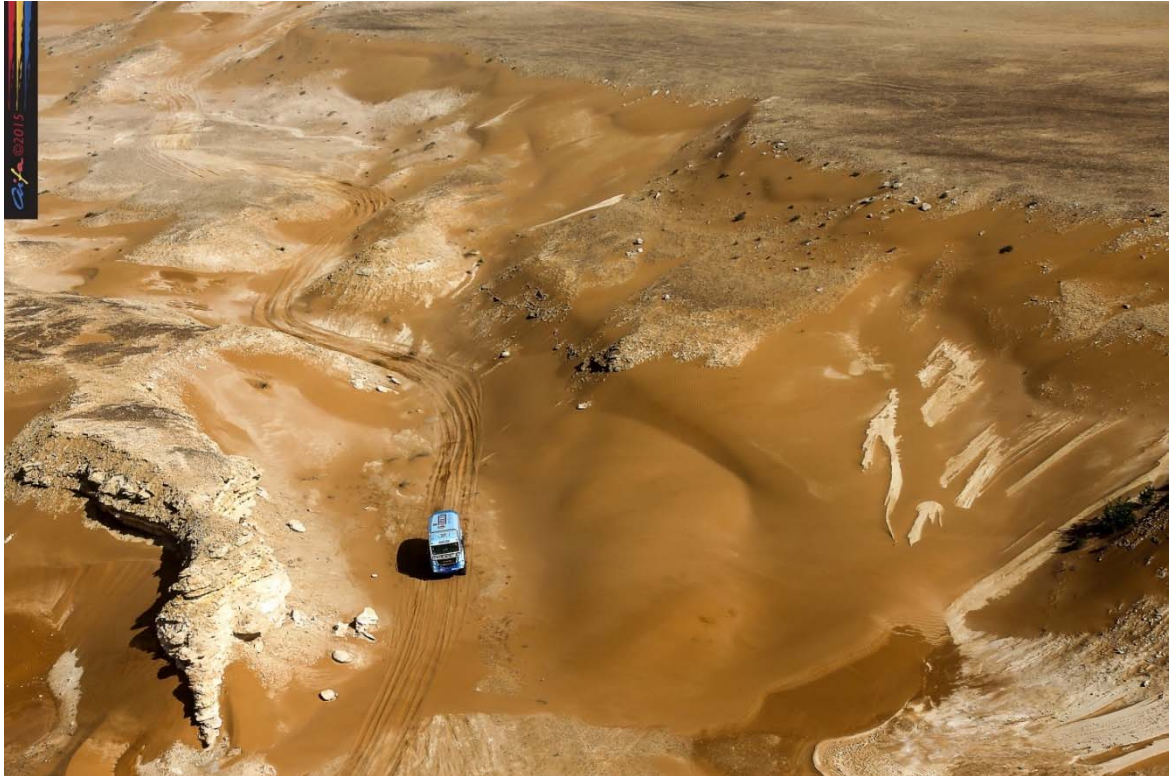


Figura 9 – Rali Africa Eco Race, Marrocos, 2015¹⁰. “A geografia ajudou-me a perceber muito bem os sítios por onde passo e os segredos daquele terreno. O conhecimento de tudo o que eu tinha, da formação do deserto e das dunas, de que lado [uma duna] era dura ou mole e alguns aspetos relacionados à orientação vieram daí”¹¹.

GT: Na entrevista publicada no seu website, refere, quando questionada sobre como surgiu a ideia de fazer o Dakar: “Nessa altura senti pena de não ter feito provas em Africa. Afinal de contas sou professora de Geografia. Ensino aos meus alunos como se formam as dunas e nunca as tinha visto... Imaginei-me a fazer corridas no deserto e isso fez sentido na minha cabeça”. Até que ponto a sua formação académica influenciou o seu percurso nas várias provas? E como contribuiu a sua formação de geógrafa nas provas efectuadas? Considera que é uma mais-valia?

EJ: A minha formação em Geografia deu-me um bom entendimento sobre os sítios por onde andava nas corridas. Ao entendê-los, sentia-me melhor. O deserto tem a capacidade de nos fazer sentir que estamos ali a mais, mas, desde cedo, percebi como me devia defender. Exactamente porque entendia o meio onde estava. Para além disso, sentia um certo fascínio

por ver ‘ao vivo’ os fenómenos que tinha estudado nos livros. Lembro-me de, na primeira corrida, ir pelo deserto em piso duro e, a certa altura, começar a ver pequenas dunas dispersas (fig.10). Tive mesmo de passar sobre uma, o que me fez ter um sentimento de alegria quando dei conta: “Hei... isto é uma duna *Barcane!*”. Pois é! Nunca tinha visto nenhuma ao vivo! Os conhecimentos de Geografia também me permitiram uma condução mais segura. Por exemplo, se no meio do deserto vejo ao longe um pequeno alinhamento de arbustos, já sei que eles estão alinhados ao longo de um *Oued*, o que significa uma vala que é sempre perigosa... principalmente porque não se vê ao longe. Em Marrocos estas valas são a maior causa de acidentes. Contudo, o facto de saber ler a paisagem, permitia-me travar mais cedo, não me aproximando com uma velocidade excessiva. Nas travessias dos *Ergs* também se tornou fácil perceber as dunas e quais as rampas

¹⁰. Mais informações disponíveis em <http://www.africarace.com/en>. Acesso a 08-02-2018.

¹¹. Extrato de entrevista ao Observador. Disponível em <http://observador.pt/especiais/elisabete-jacinto-vem-dar-uma-voltinha-no-meu-camiao/>. Acesso a 08-02-2018.

de areia dura ou mole que se podiam ou não subir. Estes conhecimentos acabam também por se reflectir na navegação, embora esta seja,

acima de tudo, uma questão de concentração e capacidade de observação.



Figura 10 – *Rali Africa Eco Race*, Mauritânia, 2016. “Eu que explicava aos meus alunos como se formam as dunas no deserto não podia sair de cena sem correr sobre uma”¹².

GT: Que instrumentos de navegação utiliza durante as provas? E como prepara os percursos? Certamente que há um trabalho prévio de estudo e definição de percursos específicos...

EJ: Nas provas utilizamos um GPS que é alugado à organização e que está bloqueado. Isto quer dizer que, em vez de estar lá para nos ajudar a encontrar o caminho, faz o papel de ‘espião’. Verifica se cumprimos o percurso e regista os excessos de velocidade. Os camiões não podem ultrapassar os 150 Km/h e, nas aldeias, temos de reduzir para 30 ou 50 Km/h. Contudo, temos de passar em determinados pontos específicos do percurso, o que fazemos recorrendo apenas ao *Roadbook*, que é um caderno com as várias notas de percurso. Quando estamos apenas a três quilómetros do local, o GPS começa a funcionar e leva-nos ao local onde temos de passar a menos de 200 m. Temos de ser

rigorosos senão o GPS não regista a nossa presença. Para além do GPS temos dois conta-quilómetros (o *Terratrip* e o *Easy Trip*), pois a navegação com o *Roadbook* é toda baseada nas distâncias (fig.11). É o navegador, o José Marques, que prepara todo este trabalho. É ele que passa horas a olhar para o *Google Maps*. Mas em casa, porque no terreno não temos internet. Estes ralis têm a particularidade do percurso ser secreto. Por essa razão, o *Roadbook* para cada dia só nos é dado no final do dia anterior. Isto para que, exactamente, não se execute o tal trabalho prévio que nos pode fazer poupar alguns quilómetros e algum tempo... o que seria muito bom!

¹². Extrato de entrevista à UP Magazine, TAP. Disponível em http://upmagazine-tap.com/pt_artigos/elisabete-jacinto-a-verdadeira-rainha-do-deserto/. Acesso a 08-02-2018.

GT: Mas no Rali *Aïcha des Gazelles*¹³ é com certeza diferente...

EJ: Ao contrário dos outros ralis, o Rali das Gazelas é um rali que assenta sobretudo na navegação, na capacidade de leitura dos mapas e do terreno. Navegação à moda antiga, só com mapa e bússola... nada mais. Aqui o 'jogo' é fazer o mínimo de quilómetros possíveis. A organização dá-nos as coordenadas geográficas dos pontos por onde temos de passar em cada dia. O nosso trabalho é marcar esses pontos no mapa apenas com a ajuda do lápis e da régua (fig.12).

tempo que demorar. Isso quer dizer que, no terreno, temos que tentar ir o mais possível em linha recta. Assim temos de olhar para o mapa, lê-lo com cuidado e perceber se existem obstáculos à nossa passagem. Depois de identificados esses obstáculos temos de criar um percurso alternativo, aquele que nos permita cumprir a menor distancia. Ora os mapas que a organização nos dá são cópias das cartas militares feitas nos anos cinquenta, onde se percebe claramente que a forma como eram desenhadas variava de umas regiões para outras... o que nos levanta imensos problemas quando um determinado percurso implica usar cartas diferentes (fig.13).



Figura 11 – Interior da cabine do camião de competição (A) com todo o seu painel de instrumentos de navegação e condução; (B) dois GPS e dois conta-quilómetros de marcas diferentes (*Easytrip* e *Terratrip*). Pendurado, o *Roadbook*.

Unimos esses pontos no mapa com uma linha e essa linha representa o percurso ideal. O nosso objectivo é cumprir, no mínimo de quilómetros possíveis, essa distância...pois ganha quem fizer menos quilómetros independentemente do

¹³. Este rali, cuja primeira edição remonta a 1990, tem lugar no deserto marroquino e destina-se apenas a concorrentes do género feminino (dos 18 aos 71 anos). É o único no mundo que privilegia a perícia da

'navegação/orientação', sendo proibida a utilização de qualquer tipo de tecnologia.

Para mais informação, consultar <http://www.rallyaichadesgazelles.com/>. Acesso 13-02-2018.



Fig. 12 - Rali Aïcha des Gazelles, 2015.



Figura 13 – Elisabete Jacinto e France Cleves na edição de 2015 do Rali Aïcha des Gazelles.

GT: Nas várias provas o seu olhar de geógrafa estava presente na leitura das paisagens? Acha

que tinha uma visão diferente da dos outros concorrentes?

EJ: Se estou em corrida só vejo mesmo aqueles metros que estão á frente do camião e por onde tenho de passar. Contudo, quando estou tranquila, vejo o que as outras pessoas não conseguem ver. Um dia, na Mauritânia, parei na beira da estrada com uma avaria no camião. Enquanto andávamos todos acelerados a tentar resolver o problema olhei para o chão e, no meio da areia da berma, vi conchas... como

aquelas que apanhamos na praia... e estávamos a muitos quilómetros do mar. Mas a presença daquelas conchas naquele sitio tinha um significado muito particular, que a minha formação me permitiu entender. Fiquei toda contente e apanhei duas ou três para trazer para casa. Ninguém mais considerou o achado interessante...claro! Este é apenas um exemplo.



Figura 14 – Apresentação de época no Porto, Cais da Ribeira, 2017.

GT: Pondera voltar à Geografia?

EJ: Sim... é sempre uma possibilidade. O desporto não vai durar para sempre.

O entusiasmo, simpatia e simplicidade desta professora de Geografia 'todo terreno', que, nas palavras de Jorge Gil "(...) não consegue parar, quer fazer mais, acha que falta sempre algo, que precisava de mais tempo"¹⁴, esconde as várias condecorações com que foi já agraciada: de Oficial da Ordem do Mérito (atribuída por Jorge Sampaio em 1999), aos Diplomas de Mérito Desportivo (Federação Nacional de Motociclismo, 1999), de Barca da Aldegalega (Junta de Freguesia do Montijo, 2000), de Reconhecimento por Serviços Prestados

(Região de Turismo da Costa Azul, 2000) ou o Prémio Prestígio atribuído pela Federação Portuguesa de Automobilismo e Karting (2005), Elisabete Jacinto é uma vencedora... para quem as tarefas podem não ser fáceis, "mas são os sonhos que nos movem".

¹⁴. Extrato do Correio da Manhã online, em 2004. Disponível em <http://www.cmjornal.pt/mais->

[cm/domingo/detalhe/camiao-e-feminino](http://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/camiao-e-feminino). Acesso a 08-02-2018.